

KUTNA HORA.

Influências Morais e Políticas no julgamento do Mestre João Hus.

RENATO EMIR OBERG

Licenciado em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO.

O Concílio de Constança condenou Hus à fogueira como herege após longo e extenuante processo. A Igreja recebeu as queixas contra êle e intimou-o a comparecer para julgamento. Após muita relutância, finalmente êle se decidiu a fazê-lo, confiando nas promessas de proteção que lhe foram feitas pelo Imperador Sigismundo. Seus inimigos foram incansáveis em insistir com quanto e com quem pudessem, para convencer a Igreja da culpabilidade do seu acusado, conseguindo-o finalmente, quando Hus foi declarado herege e como tal passou a ser considerado pela Igreja.

Cêdo perceberam seus inimigos que a condenação de Hus seria obtida mais facilmente com a acusação de que êle era um "wiclifita", mero eco, em terras boêmias, do herege inglês já condenado. Usaram desta acusação com tanta habilidade que o Mestre de Praga foi praticamente despojado de suas idéias originais. Um tal julgamento feito nos dias em que êle viveu e cercado das condições criadas por todos os que estavam interessados na sua condenação, está modernamente sendo reexaminado por alguns eruditos desejosos de saber qual a posição correta do condenado.

E' verdade que Hus e Wiclif tinham muitas idéias em comum. Embora vivessem em terras diferentes, defrontaram-se com os mesmos problemas e procuraram resolvê-los com o auxílio da mesma fonte comum, as Sagradas Escrituras. Portanto, não nos devemos surpreender se em ambos encontrarmos soluções idênticas e notarmos que chegaram a conclusões semelhantes no aspecto mais semelhante

que tiveram à sua frente: os costumes morais contemporâneos reinantes na Igreja.

Hus tinha duas grandes paixões na vida: a primeira era pela Igreja que tanto amava, e a segunda êle a tinha pela pátria. Enquanto via aquela manchada pelos maus costumes dos seus sacerdotes e representantes, via nesta seus compatriotas serem, injustamente, postos à margem. Contra êstes males lutou com tôdas as suas fôrças, jamais buscando adatar-se a arranjos políticos. Tivesse agido diferente, e diferente teria sido seu fim nesta terra. Isto, porém, nunca faria, para não ir de encôntro a sua norma traçada e firmada no estudo das Sagradas Escrituras e dos Pais da Igreja.

Os inimigos de Hus foram bem sucedidos em eliminá-lo do campo de batalha. Pensavam que silenciando sua voz, poderiam assegurar-se do direito que julgavam ter de continuar com o mesmo costumeiro tipo de vida. Tivessem êles, porém, cessado seus abusos morais, administrativos e religiosos, Hus teria sido seu companheiro, e êles teriam contribuído de maneira bem diferente nos destinos da humanidade.

E' para êste aspecto da vida de Hus que dirigiremos nossa atenção neste estudo, indo buscar uma das suas raízes num incidente da história da Boêmia, o encôntro político-religioso de Kutna Hora, o qual nos parece ilustrar algumas das fôrças e da maneira como que trabalharam contra Hus e dos reais motivos que os levaram a acusá-lo.

* * *

UMA CORÔA IMPERIAL.

Lá pelo fim de 1408, o rei Venceslau da Boêmia voltou da Silésia, outro domínio herdado do pai, Carlos IV, e se deixou ficar em Kutna Hora (Kuttenberg). Retornava porque algo de muito importante estava por acontecer na Boêmia e que além de atrair a atenção do seu reino e de tôda a Europa, particularmente o interessava, e muito. Não queria perder a oportunidade que se lhe iria defrontar de reclamar mais uma vez a Corôa Imperial dos Romanos de que fôra expoliado. Lá em Kutna Hora iria receber a visita de uma Missão francesa a qual lhe poderia ser decisiva para esta pretensão. Esta Missão incluía também professôres da Universidade de Paris, e vinha com o objetivo de pedir seu apôio para os Cardeais de Pisa que desejavam resolver o doloroso problema do cisma da Igreja, escolhendo um terceiro Papa que substituísse os dois reinantes.

Para êste movimento davam êles o nome de “neutralidade”, porque pediam a reis e nações que se mantivessem neutros aos dois Papas existentes, e desta forma abrissem o caminho para a escôlha de um terceiro que pudesse unificar a Igreja. Esta solução heróica estava ganhando cada vez mais adeptos na Europa, e era, por si só, suficiente para chamar a atenção dos seus reis. Venceslau também queria adotá-la, mas, em troca, reclamaria dos Cardeais e do nôvo Papa o apôio para as suas pretensões de devolução da Corôa Imperial, apôio que Gregório XII lhe negava.

Carlos IV fôra o último Imperador Romano e, com a sua morte, Venceslau fôra escolhido para substituí-lo. Contudo, uma reação alemã dera a Corôa para Rupert, o Conde Palatino e, como é fácil de se entender, Venceslau não se conformava com êste despojamento. A Boêmia estaria sempre com êle nesta reivindicação, e João Hus participava dos mesmos sentimentos até o fim de sua vida. Em sua carta de despedida ao povo boêmio, menos de um ano antes de sua execução, dizia êle:

“Eu vos suplico também que oreis por Sua Majestade, o Rei dos Romanos e dos Boêmios” (1).

* *
*

GLÓRIAS E PROBLEMAS DA BOÊMIA.

Tão ilustre Embaixada vindo da França pedir à Boêmia o seu auxílio num tal *affaire*, bem demonstra a importância que êste país gozava na Europa, especialmente depois do prestígio que Carlos IV lhe dera, com suas realizações, uma das quais era a fundação, em 1348, da Universidade de Praga, orgulho da nação e até da Europa inteira. Tudo isto despertava na Boêmia um sentimento nacional que fôra profundamente ferido pela perda da Corôa Imperial, e Venceslau buscava fazer o que pudesse para recuperá-la.

Um dos mais fortes obstáculos a esta pretensão era a oposição de Gregório XII, negando o seu apôio a Venceslau e dando-o a Rupert. Por isto o rei odiava êste chefe da Igreja. Para aumentar ainda mais esta dificuldade, o Arcebispo de Praga, Zbynek Zajik de Hassenberg, de forma alguma pretendia mudar sua idéia de continuar apoiando Gregório XII. Negava-se mesmo a discutir qualquer coisa que

(1). — Citado pelo Conde de Lützw, *The Life & Times of Master John Hus* (London: J. M. Dent & Co., 1909), p. 265.

divergisse disto. Esta mesma linha de pensamento político era seguida pelos professôres alemães da Universidade de Praga.

A expressão “professôres alemães” carece de explicação: Quando Carlos IV fundou a Universidade de Praga, êle o fêz

“inflamado pelo amor a Deus e impellido por forte afeição a seus vizinhos, desejando beneficiar a comunidade e laudavelmente exaltar o seu Reino da Boêmia” (2).

Mas, embora a Universidade fôsse fundada para servir à nação boêmia, logo sua influência se tornou tão grande que muitos estudantes de outras nações vieram freqüentá-la, e os da nação alemã foram tantos que passaram a dominá-la. Como? Vejamos.

De acôrdo com o costume da época, a Universidade de Praga também fôra dividida em “nações”, e as decisões tomadas regiam-se pelo voto delas. Nos seus primórdios, os estudantes da Áustria, Suábia, Francônia e terras do Reno, formavam a “nação” bávara; os da Saxônia, Meissen, Turíngia, aliados aos da Dinamarca e Suécia, compunham a “nação” saxônia; os da Polônia, Lituânia e Silésia, pertenciam à “nação” polonesa e, finalmente, os da Boêmia, do Condado de Glatz, da Morávia, da Hungria e dos países eslavos do sul, se uniam na “nação” boêmia (3). Estavam, pois, as “nações” alemãs em franca maioria comparadas com a da Boêmia. Numa exceção a êstes costumes, os professôres de Praga também se dividiam em “nações”, dando ao grupo estrangeiro, nomeadamente aos alemães, um domínio preponderante nos trabalhos da Universidade.

Posteriormente os estudantes da Boêmia aumentaram muito e se tornaram mais numerosos que os das demais nações, mas o sistema ficou sendo o mesmo. Desta forma artificial, o grupo alemão, embora menor que o boêmio, continuava a manter uma liderança que não mais lhe cabia. Foi neste período que Hus, pertencendo ao grupo nacional e defendendo com firmeza a posição que seus compatriotas mereciam, se foi tornando aos poucos seu líder. Dizia êle num dos seus famosos sermões:

Os boêmios são mais desgraçados que os cães e as serpentes; porque o cão defende a cama em que se deita e, se outro cão quiser dali expulsá-lo, luta contra êle, e o mesmo faz a serpente. Mas a nós, os alemães nos oprimem, e se apoderam de todos os postos do Estado, enquanto silenciamos. Os boêmios, no Reino da Boêmia, de acôrdo com tôdas as leis, na verdade também de acôrdo com a lei

(2). — Veja-se *Chronicon Benessii de Weilmil*, editado por Emler e citado por Lützow, *ibid.*, p. 66.

(3). — Veja-se Lützow, *ibid.*, pp. 67-68.

de Deus, e de acôrdo com a ordem natural das cousas, deveriam ser os primeiros em todos os cargos do reino boêmio. Assim se dá com os franceses no reino da França, e com os alemães em terras alemãs. Portanto, um boêmio deveria governar seus subordinados, e um alemão um subordinado alemão. De que utilidade seria um boêmio se, não conhecendo o alemão, se tornasse um sacerdote ou bispo na Alemanha? Certamente seria tão inútil como um cão mudo que não pode latir o é para um rebanho! Igualmente inútil para nós boêmios é um alemão; e sabendo que isto (isto é, o governo de alemães sobre boêmios) é contra a lei e os regulamentos de Deus, eu o declaro ilegal (4).

Além da Universidade, havia em Praga outra instituição que cêdo ganhou o favor do povo boêmio e tornou a nação renomada: era a “Capela dos Santos Inocentes de Belém”, ou apenas, como era mais conhecida, a “Capela de Belém”, um dos melhores frutos do espírito de esclarecimento irradiado pela Universidade. A “Capela” havia sido construída em 1391 pelos esforços unidos de dois patriotas: um fôra Kriz, mercador que doara o terreno, e outro, um nobre da côrte, João de Mülheim de Pardubicz, que erigiu o edifício. Ambos tinham o desejo de que a “Capela” fôsse usada para a prégação do Evangelho ao povo na sua própria língua a fim de que êle pudesse participar do “Pão da Vida”. Daí bem lhe caber o encurtamento do nome para “Capela de Belém” (*Beth Lehem*, “Casa do Pão”). Embora pedissem logo a bênção papal, foi apenas em 1408 que Gregório XII a enviou, afirmando que ela deveria ser usada

pro usu predicationis Verbi Dei (5).

Era a cultura, o esclarecimento que deixava os muros dos conventos, dos mosteiros e da própria Universidade, para atingir o povo simples das ruas que, em conseqüência, começava a pensar por si mesmo. Esta “Capela” foi o grande púlpito de Hus desde 1402, atraindo grandes multidões. Foi alí que êle começou a se tornar um prégador popular. Certa vez escreveu Hus para a Inglaterra que havia falado para um auditório de 10.000 pessoas! O entusiasmo que esta “Capela” despertou no meio do povo de Praga e da Boêmia em favor da fé e da moralidade foi muito grande.

Em meio a êste progresso cultural e espiritual, uma cousa especialmente entristecia as almas sinceras da Boêmia: era a depravação,

(4). — *Ibid.*, p. 73.

(5). — Francis Palacki (ed) *Documenta Mag. J. Hus, 1403 — 1408* (Prague, 1869), citado por David Schley Schaff, *John Hus; His Life, Teachings and Death, After Five Hundreds Years* (New York): Charles Scribner's Sons, 1915), p. 17.

e a imoralidade que, descontroladamente, prevaleciam no meio clerical contemporâneo. Desde o tempo de Conrado Waldhauser, o pregador convidado por Carlos IV, Praga tinha ouvido as vozes extraordinárias de homens como Milic, Stitny e Matias Janow, reprovando tal situação. Por isto, foram êles considerados precursores de Hus. Todos denunciavam tais abusos, e exigiam o restabelecimento da moralidade entre os sacerdotes. De início o próprio Arcebispo Zbynek partilhou dos mesmos sentimentos, patrocinando o aumento de reuniões sinodais e convidando o antigo professor de Hus, Estanislaw de Znojmo, reconhecido líder do partido reformador, e ao próprio Hus, para instarem junto aos sacerdotes a fim de que mudassem de conduta. E Hus, quando se dirigiu pela primeira vez ao Concílio Sinodal no ano de 1405, disse claramente:

Há muitos de vós que, de tanto beberem vinho e se embriagarem, estão mais manchados do que os leigos. Enquanto os leigos com suas bengalas vão para as igrejas, os cléricos com bengala vão às tabernas e, quando voltam, difficilmente podem andar, muito menos falar e, menos ainda sabem o que se requer de um officio sacerdotal (6).

O Arcebispo parecia gostar desta espécie de pregação, porque tornou a convidar o mesmo pregador para ocasiões semelhantes. Havia um desejo comum de melhoria dos costumes clericais, dêle participando o próprio rei e a rainha Sofia. Esta era ouvinte diligente das pregações de Hus na “Capela de Belém”, sendo também uma das suas grandes defensoras.

* *
*

KUTNA HORA.

Assim ferviam os problemas da Boêmia lá pelo fim do ano de 1408, quando, em preparo para receber a Embaixada franceza, houve uma reunião de professôres da Universidade com o propósito de discutir a questão da “neutralidade”. Após esta reunião, as cousas ainda mais se complicaram. O reitor, Henning de Baltenhagen, juntamente com os professôres alemães, estava a favor de Gregório XII, enquanto Hus e os boêmios se collocaram ao lado da “neutralidade”. Talvez por medida de prudência não se tomou voto algum, porque o

(6). — *Historia et Monumenta J. Hus atque Hieronymni Pragensis Confessorum Christi* (Nürnb., 1558), citado por Schaff, *ibid.*, p. 62.

ponto de vista alemão facilmente ganharia colocando a própria Universidade em situação difícilíssima diante do rei. Quanto a Hus, sua situação piorou.

Até aqui o Arcebispo lhe dera, às vezes menos, o seu apóio. Contudo, nesta reunião, ferido em suas simpatias por Gregório XII, êle cortou suas relações com Hus, denunciando-o como filho desobediente e proibindo-o de pregar. Hus respondeu ao Arcebispo com uma carta na qual procurou explicar o verdadeiro significado de sua neutralidade que, de maneira alguma, implicava na desobediência a autoridade constituída. Nada ajudou. O rompimento se completava, embora o Colégio de Cardeais de Pisa lhe promettesse auxílio. Quase três anos depois, em carta para êstes prelados escrita por volta de setembro de 1411, diria Hus referindo-se a êste incidente:

“Aqui está a fonte principal da acusação e do libelo feitos contra mim!” (7).

E então, pedindo o auxílio prometido, êle continua:

Mas, visto que o supramencionado sagrado Colégio de Cardeais prometeu naquele tempo conceder muitos benefícios aos que o apoiassem, eu, por isto lembro a promessa então feita; e crendo que ela ainda se mantém como uma promessa feita pelos pilares da Igreja, eu apelo, de joelhos dobrados, para a benevolência de vossas reverendíssimas para que se agradem em lançar um olhar piedoso sôbre um pobre homem como eu e, com a vossa graciosa assistência, me eximam do fardo de um comparecimento pessoal e das demais acusações que pendem dêste comparecimento. Porque estou inocente das acusações que meus adversários fazem contra mim, sendo o Senhor Jesus Cristo minha testemunha (8).

Dentro de tal atmosfera foi que o rei Venceslau recebeu a Embaixada francesa em Kutna Hora. Como da Missão constassem alguns representantes da Universidade de Paris, o rei, segundo o costume de então, convidou também representantes de sua própria Universidade, a de Praga. Pertenciam êles aos dois partidos, tendo Hus e Baltenhagen como seus líderes naturais. Jerônimo, que estava em Praga naqueles dias, figurava também entre os professôres boêmios.

Não era difícil para Baltenhagen compreender a situação. Assim, em vez de discutir o problema para o qual fôra convocado, e temendo as conseqüências de um desafio ao rei expondo suas próprias opi-

(7). — Herbert B. Workman e R. Martin Pope, *The Letters of John Huss, with Introductions and Explanatory Notes* (London: Hodder and Stoughton, 1904), p. 55.

(8). — *Ibid.*

niões, faltou-lhe a coragem para apresentar sua verdadeira opinião e se decidiu atacar diante do rei aquêle que era seu maior oponente na Universidade. Procurou convencer o rei do grande perigo com que a Universidade se defrontava por causa das heresias que ali grassavam e lançou as primeiras sementes da grande acusação que lhe fariam dali por diante os seus inimigos, aquêles que se ressentiam dos ataques à sua conduta moral ou dos discursos que fazia Hus em defesa dos boêmios.

Esta tarefa se tornava tanto mais fácil quanto era grande o entusiasmo de Hus pelos escritos de Wiclif que suportara, na Inglaterra, a mesma luta que êle na Boêmia contra a corrupção do clero. O estigma da heresia ligado ao nome de Wiclif era a arma com que Baltenhagen esperava obter seus melhores resultados embora, como grande erudito que era, podia perfeitamente entender, como sem dúvida entendia, que o entusiasmo de Hus por Wiclif era mais no tema comum da moralização dos costumes clericais do que em dogmas ou doutrinas, nos quais Hus muito discordava do reformador inglês. Para se ter idéia do que significava o nome de Wiclif naquela época dentro da Igreja e o estigma de heresia a êle ligado, basta lembrar o que um cronista da época, Walsingham, escreveu a respeito da sua morte:

A morte dêste instrumento do diabo, dêste inimigo da Igreja, dêste autor de confusão entre o povo comum, desta imagem dos hipócritas, dêste ídolo dos hereges, dêste autor de cismas, dêste se-meador de ódios, dêste cunhador de mentiras que, ao morrer, exalou seu espírito malicioso nas moradas da escuridão (9).

Baltenhagen atingiu em cheio o seu alvo. Manejando em seu favor, com grande perfídia e muita perícia, a arma da heresia, conseguiu de Venceslau que êle visse seu reino ameaçado por esta grande nódoa, e sua Universidade, glória de tantos anos, maculada por êste terrível pecado. O rei mudou sua atitude para com Hus e se dirigiu a êle com violentas palavras ameaçando-o com a fogueira. Curto de entendimento e frouxo de atitudes, nem percebia o monarca que estava sendo vítima de um engano, deslealmente afastando de sí e da Boêmia um grande defensor e o maior líder nacionalista de que dispunha seu reino. Não percebia que estava prejudicando não só as suas mais lídimas aspirações, mas atirava também sua Universidade à tutela e ao governo de sutís professores estrangeiros que apoiavam inimigos seus e de sua pátria. Tão magoado ficou Hus com êste gesto da parte de quem procurava auxiliar que adoeceu, recolhendo-se a um leito de sofrimentos físicos e morais.

(9). — Schaff, *op. cit.*, p. 51.



A HERESIA DE HUS.

Para Hus, heresia era

“uma doutrina errônea às Sagradas Escrituras e teimosamente defendida” (10).

Este conceito, porém, era avançado demais para seu tempo. Hus nunca seria compreendido naquela época quando a simonia e a corrupção dominavam a Igreja, e quando os Papas, dois agora e três dentro de pouquíssimo tempo, excomungavam-se e chamavam-se um ao outro de herege, cometendo as mais abomináveis ações levando até a própria Igreja a cortar o nome de um deles da lista dos seus Papas. Não havia ainda ambiente para os ideais de Hus, pois naqueles dias a palavra “heresia” estava longe de ser entendida como êle a entendia, isto é, no seu sentido puramente teológico. Ela então significava mais uma desobediência e crítica a algum chefe do que um desvio de princípios de fé. Como era fácil naqueles tempos na Boêmia, e desafortunadamente em tôda a Cristandade, encontrar quem apoiasse tais acusações para esconder sua participação nas dificuldades morais com que a Igreja se defrontava, fácil era para os inimigos de Hus continuarem neste seu caminho.

Ser fiel à Igreja naqueles dias medievais, significava obedecer cegamente aos superiores hierárquicos. Contudo a obediência a um superior apenas por ser êle um superior, era a última cousa que se poderia esperar de Hus. Quanto mais notava êste esforço da parte dos seus acusadores, mais êle se prendia aos retos e moralizadores princípios do Evangelho que amava. E' isto que se pode ver claramente quando, às vésperas de sua condenação, foi visitado por altos dignitários e doutores que procuravam demovê-lo da atitude que mantinha. Para convencer Hus de que deveria ver as cousas como êles as viam, chegaram a argumentar que,

“se o Concílio dissesse que êle tinha apenas um olho, deveria acreditar que assim o era”.

Hus respondeu que enquanto estivesse no uso de sua razão, não poderia

(10). — K. J. Erben (ed) *Mistra Jana Husi Sebrané Spisy* (Prague, 1865-1868), citado por Matthew Spinka, *John Hus and Czech Reform* (Chicago: The University Press, 1942), p. 70.

“afirmar isto sem violar a sua consciência”.

Ainda bem que, quando este doutor o deixou, reconheceu que

“Hus estava certo e que a ilustração não fôra boa” (11).

Quase no fim do seu julgamento em Constança, apenas alguns dias antes de sua morte ignominiosa, Hus escreveu aos seus amigos daquela cidade uma carta, na qual fixava claramente a grande verdade que pregava e pela qual estava dando a vida. Na carta procurou mostrar que falava contra os pecados reinantes entre líderes da Igreja que, por isto, não podiam merecer sua obediência:

Vós sabeis agora o modo de viver desta gente espiritual que afirma serem eles os verdadeiros e evidentes vigários de Cristo e Seus apóstolos, proclamando-se eles mesmos a Santa Igreja e o mais Santo Concílio que não pode errar; no entanto, na verdade eles erraram quando de principio prestavam homenagem e curvavam seus joelhos diante de João XXIII, beijando-lhe os pés e chamando-o de o mais santo, enquanto sabiam que ele era um “homicida vergonhoso, um sodomita, um simoniaco e um herege”, como na verdade o afirmaram, mencionando isto nas suas acusações contra ele. Agora eles cortaram a cabeça da Igreja, e arrancaram o coração da Igreja, drenaram a infalível fonte da Igreja, e tornaram completamente falho o autosuficiente e infalível refúgio da Igreja para o qual cada cristão deveria escapar (12).

Na mesma carta, depois de lembrar que a Igreja estava subsistindo sem o Papa (13), o que provava evidentemente que ele não era o cabeça da Igreja (um dos ensinamentos pelos quais Hus estava sendo julgado) (14), continuou escrevendo o seguinte acerca dos erros do Concílio, cuja autoridade, portanto, não poderia ser superior a da Palavra de Deus:

Ademais, o Concílio errou três vezes ou mais, fazendo extratos errados dos meus livros, rejeitando alguns dos artigos cujo significado deturpavam e confundiram, e finalmente encurtando alguns deles na última cópia dos artigos, como ficará claro para todos os

(11). — Schaff, *op. cit.*, p. 230.

(12). — Workman e Pope, *op. cit.*, pp. 243-44.

(13). — João XXIII fôra deposto em 29 de maio, e o Papa seguinte, Martinho V, seria eleito somente dentro de pouco mais de dois anos, em 11 de novembro de 1417.

(14). — David S. Schaff, “*De Ecclesia*” — *The Church* — by John Huss — *Translated, with Notes and Introduction* (New York: Charles Scribner's Sons, 1915), pp. 125-136.

que virem os livros e artigos em questão. Portanto eu plenamente concluo convosco que nem tudo o que o Concílio faz, diz ou pronuncia é aprovado por Cristo, o verdadeiro Juiz. Bemaventurados são os que guardam o evangelho, e reconhecem, deixam e rejeitam a pompa, a avareza, a hipocrisia e a astúcia do Anticristo e seus ministros, enquanto aguardam com paciência a vinda do justo Juiz (15).

Ao "Pai", personagem cujo nome ninguém conheceu, êle escreveu a razão de seu apêlo para Cristo:

E porque eu apelei para Cristo Jesus, o mais poderoso e justo de todos os juizes, entregando a Êle minha causa, aguardo o Seu juízo e sentença, sabendo que Êle julgará cada homem não sob uma falsa e errônea evidência, mas nos verdadeiros fatos e méritos da causa (16).

Debalde clamava Hus contra as injustiças e distorções que faziam no seu processo e debalde pedia para ser julgado pelas Escrituras e pelos Pais da Igreja, como prova de sua fidelidade às doutrinas da Igreja. Nunca, porém, isto foi tomado em consideração. A corrupção denunciada por Hus era acariciada pelo clero contemporâneo, tornando-o seu inimigo e, exgotados os outros recursos, passaram a usar a mais terrível arma da época: heresia. E' impossível neste trabalho dar uma consideração mais detalhada a êste assunto, mas também é difícil deixar de olhar um pouco para êste lado da batalha de Hus. Num sermão pregado em 1413, dizia êle:

Em sétimo lugar, minha luta é contra o costume e poder papal, não delegado por Deus, mas inventado pelo homem.

.....
E finalmente, eu não vou à cúria papal para não perder a minha vida em vão. Porque os inimigos abundam por tôda a parte, tanto checos como alemães, buscando minha vida: o Papa, meu juiz, é meu inimigo, os Cardeais são meus inimigos como se pode ver por suas cartas onde me chamam de herege, embora nunca me tenham ouvido nem visto. Isto porque o Papa e os Cardeais estão afetados pela pregação contra o orgulho, avareza, e especialmente contra a simonia (17).

As últimas palavras escritas por Hus foram as de 1º de julho, quando deixou ao mundo um documento da mais alta importância,

(15). — Workman e Pope, *op. cit.*, pp. 244, 45.

(16). — *Ibid.*, 239.

(17). — Spinka, *op. cit.*, p. 39.

no qual condenou em poucas palavras as acusações com as quais pretendiam provar a sua heresia. O documento é curto, mas digno de ser lembrado, e nêle sublinhamos alguns pensamentos especiais:

Eu, João Hus, em esperança um sacerdote de Jesus Cristo, temendo ofender a Deus, e temendo cair em perjúria, pelo presente professo minha relutância em abjurar todos ou alguns dos artigos produzidos contra mim por falsas testemunhas. Porque Deus é minha testemunha de que eu *nem os preguei, afirmei ou os defendi*, embora êles digam que eu o fiz. Ademais, quanto aos artigos que êles extraíram dos meus livros, eu digo que *detesto qualquer falsa interpretação* que qualquer um dêles leve. Mas enquanto temo ofender a verdade ou contradizer a opinião dos doutores da Igreja, eu não posso abjurar qualquer dêles. E, se fôsse possível minha voz agora atingir todo o mundo como no Dia do Juízo cada mentira e cada pecado que eu tenha cometido serão manifestos, então prazerosamente abjuraria diante de todo o mundo cada falsidade ou êrro que eu tenha pensado em dizer ou dito de fato. Eu digo e escrevo isto de minha própria vontade e escôlha.

Escrito com minha própria mão, no dia primeiro de julho (18).

Hus manteve firmemente a posição de que não era um herege e que estava sendo condenado por más interpretações intencionais de seus escritos. Sua heresia consistia em não querer êle submeter sua consciência a homens que eram seus inimigos porque pregava contra traços corruptos que não deveriam existir na vida de um sacerdote. Quatro dias mais tarde, com lágrimas nos olhos, êle respondia da seguinte maneira a um dos seus melhores amigos, João Chlum, a quem os Cardeais pediram que lhe fizesse um último apêlo:

Sr. João, saiba que se estivesse consciente de ter escrito ou pregado algo contra a lei, o evangelho ou a Igreja Mãe, prazerosa e humildemente eu me retrataria dos meus erros. Deus é minha testemunha. Mas eu estou ansioso agora mais do que nunca que me mostrem Escrituras de maior pêso e valor do que as que citei escrevendo ou ensinando. Se isto me mostrarem, estou preparado e pronto a me retratar (19).

É interessante, pelo seu significado, mencionar nas palavras de Workman o diálogo que se seguiu a esta declaração:

“Quer ser mais sábio do que o Concílio inteiro?” retorquiu um bispo. “Que todo o Concílio, não” respondeu Hus; “mas dêem-me

(18). — Workman e Pope, *op. cit.*, pp. 275-76.

(19). — *Ibid.*, p. 277.

uma porção, embora pequena, do Concílio que me ensine pelas Escrituras, de maior pêsso e valor, e estarei pronto a retratar-me”. “Ele está obstinado em sua heresia”, exclamaram os bispos, e se retiraram para fazer os preparos para a cena final (20).

Era esta a heresia de Hus.

* *
*

OUTRA VEZ KUTNA HORA.

Voltemo-nos agora, aos acontecimentos de Kutna Hora, lembrando que, enfraquecido pela atitude de Zbynek e especialmente pela do rei, Hus não resistiu e se enfermou gravemente. Contudo, as cousas não correram sòmente contra Hus: Baltenhagen receberia também a sua parte, embora isto viesse a custar para Hus um acréscimo ainda maior nas fileiras de seus inimigos.

A Embaixada francesa, notando a atitude contrária das “nações” alemãs da Universidade aos motivos que a trouxeram para Kutna Hora, contou ao rei como funcionava a Universidade de Paris. Lá os votos eram também quatro em número, mas as “nações” eram arranjadas de tal maneira que os franceses tinham três dêles, restando apenas um para os estrangeiros. A velha semente semeada por professôres e nobres da Boêmia estava produzindo frutos que começavam a amadurecer. O próprio ato do rei contra Hus levou seus amigos a falar com Venceslau a respeito dos seus reais motivos, e o resultado foi uma nova mudança de pensamento da parte do rei, que, em 18 de janeiro de 1409, assinava um nôvo regulamento para a Universidade. Êste regulamento dava aos boêmios três dos quatro votos, deixando apenas um para os alemães. O rei decidira, finalmente, que a Universidade deveria pertencer aos boêmios! O nobre Nikolas de Labkowicz levou ao leito de Hus cópia dêste decreto real. Estas e outras novas recebidas mostrando a mudança do pensamento do rei em seu favor foram o melhor remédio que lhe poderia ser ministrado, e a alegria lhe voltou novamente ao coração.

O nôvo regulamento não foi bem recebido pelas “nações” alemãs da Universidade, e só foi cumprido quando o rei o exigiu por meio de um emissário. Baltenhagen teve de resignar ao seu pôsto e, juntamente com outros alemães, estudantes e professôres, decidiram deixar Praga para não mais regressar, conforme juntos haviam jurado

(20). — *Ibid.*

durante o período em que procuravam mudar a nova lei. Em apenas um dia de maio 2.000 pessoas deixaram Praga, e em outro pouco mais tarde, outros 3.000 o fizeram. Höfler diz que o total de pessoas que deixaram a cidade foi de 20.000 (21).

No conceito dos seus inimigos, a culpa por todos êstes acontecimentos cabia a Hus, enquanto para seus amigos era êle o herói desta extraordinária vitória. Hus atingia o mais alto pôsto de sua vida, sendo escolhido uma vez mais para reitor da Universidade, o primeiro depois de sua nacionalização (22).

Seis anos depois deveria êle se defrontar com tal ódio no julgamento de Constança.

* *
*

CONCLUSÃO.

Como analisamos nos capítulos anteriores, os fatos relacionados com os dias de Kutna Hora revelam influências políticas e morais muito fortes que iriam pesar sèriamente na condenação de Hus. Depois disto muita cousa aconteceu: Hus morreu na fogueira da heresia; Venceslau recebeu a sua tão cobiçada Corôa Imperial, e morreu de apoplexia ao saber da notícia dos levantes populares resultantes da execução de Hus; os Cardeais de Pisa nunca cumpriram suas promessas de apôio à pessoa de Hus; Zbynek morreu de uma enfermidade adquirida quando fugia de Venceslau para a côrte de Sigismundo com o propósito de se esquivar de compromissos assumidos, inclusive o de confirmar a não existência de heresia nas atividades de Hus; Alexandre V, o Papa eleito em Pisa, dentro de um ano morreu em circunstâncias tidas como estranhas; seu sucessor, o Cardeal Baltazar Cossa que tomou o nome de João XXIII em profana homenagem ao mais nôvo dos apóstolos, foi deposto pelo mesmo Concílio que condenou Hus, sendo também condenado como

“um homicida vergonhoso, um sodomita, um simoníaco e um herege”;

a Igreja, envergonhada da conduta dêste prelado tirou seu nome da lista dos Papas e tão vergonhoso ficou o seu nome que foram preci-

(21). — K. A. Höfler, *Mag. J. Hus und der Abzug der deutsch. Studenten und Professoren aus Prag, 1409* (1864), citado por Schaff, em *John Huss; his Life, Teachings and Death, After Five Hundred Years*, p. 82.

(22). — Hus foi eleito reitor da Universidade de Praga pela primeira vez em 1402.

soz mais de 500 anos, e um Cardeal como Ângelo Roncáglio, para que a seqüência do nome do apóstolo fôsse rehabilitada na lista da Igreja; também passados os mesmos 500 anos, outro Concílio, o Vaticano II, transformou o Tribunal do Santo Ofício na “Congregação pela Doutrina da Fé” que

“deve permitir aos que forem acusados de êrro o direito de se defender” (23),

direito que foi negado a Hus; a Boêmia afundou-se no sangue para defender a sua autonomia e a sua fé; tudo se passou, mas nada foi capaz de apagar o nome de

“Mistr Jan receny Hus z Husince (Mestre João, chamado Hus de Husinecz” (24),

embora digam que êle tenha sido apenas uma sombra ou um eco de João Wiclif, o reformador e hereje inglês.

(23). — *Time Magazin*, 17 de dezembro de 1965, p. 25.

(24). — Vaclav Flajshans, *Mistr Jan Receny Hus z Husince* (Praga, 1904). Citamos aqui o título desta biografia de Hus citada por Schaff, *op. cit.*, p. ix.